Como Citar:
Silva, G. R. de A. da, Nunes, A. L. R., Nascimento, B. B., Moreira, F. da S., Leite, J. de O., Stuchi, L., Oliveira, L. S. de,Vianna, P. de G., & Bueno, P. Z. (2021). Imaginário coletivo sobre transgeneridade em vídeos do Porta dos Fundos. In L. S. de L. C. Tardivo & R. X. Marigliano (Orgs.), XVII Jornada APOIAR: Violência social e autoinfligida – propostas de atenção e pesquisa (pp. 348–356) [E-book]. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.

29- IMAGINÁRIO COLETIVO SOBRE TRANSGENERIDADE EM VÍDEOS DO PORTA DOS FUNDOS

Gustavo Renan de Almeida da Silva
Ana Letícia Rodrigues Nunes
Bruna Barros Nascimento
Fernanda da Silva Moreira
Júlia de Oliveira Leite
Letícia Stuchi
Lucas Souza de Oliveira
Paula de Godoi Vianna
Priscila Zurlo Bueno
Tânia Maria José Aiello-Vaisberg

Resumo: Este trabalho tem como objetivo investigar imaginários coletivos sobre transgeneridade. Justifica-se na medida em que tais imaginários podem revelar como estão organizadas as normas de gênero na sociedade contemporânea ocidental, indicando suas repercussões sobre as subjetividades. Configura-se como um estudo qualitativo e empírico, com o uso do método psicanalítico, que utilizou, como material, vídeos humorísticos, correlacionados com a palavra-chave transgeneridade, disponibilizados no YouTube pelo canal Porta dos Fundos, que consta com elevado número de acessos e inscritos na referida plataforma. A análise do material permitiu a produção interpretativa de três campos de sentido afetivo-emocional: “A ditadura do gênero”, “Posso ser quem eu me sinto” e “Ao seu dispor”. O quadro geral aponta que, sociedades que impõem uma organização binária e sexista, acabam por suscitar sofrimento socialmente determinado, atingindo a todos, com destaque para aquele vivenciado pelas pessoas transgênero. Podemos pensar, à luz da teoria do amadurecimento emocional de D.W. Winnicott, que a submissão às normas de gênero, assim como a violência sofrida pela população transgênero, limitam tanto o potencial criativo como a espontaneidade pessoal, que são pilares fundamentais na concepção de saúde mental desse autor.

Palavras-chave: Transgeneridade, Gênero, Humor, Imaginários coletivos, Método psicanalítico.

Problema de pesquisa

Desde a enunciação do sexo/gênero[8] ao nascimento, é cobrado que a pessoa humana venha a assumir um lugar inequívoco no binômio homem-mulher/masculino-feminino, a partir do qual deveria orientar também seu desejo, o que corresponderia à cisheteronormatividade. Decorre daí, Arán e Peixoto Júnior (2007, p.134) mencionarem que "o ato de nomear é, ao mesmo tempo, a repetição de uma norma e o estabelecimento de uma fronteira". No entanto, existem pessoas que subvertem a linearidade entre corpo e gênero, sendo essas entendidas como pessoas transgênero. Ao fazerem isso, são capturadas pelas malhas do poder regulatório, as quais comumente imprimem em suas histórias violências, estigmas e sofrimentos (Bento, 2008/2017; Butler, 2003), fazendo desses sujeitos típicos (Frederico, 1979) para o estudo de tais normativas sociais.

Pesquisas recentes com imaginários coletivos parecem indicar a articulação das condições de gênero com sofrimentos sociais (Corbett, Ambrosio, Gallo-Belluzo & Aiello-Vaisberg, 2014; Schulte, 2016; Visintin & Aiello-Vaisberg, 2017; Assis, 2019; Winkler, 2019). Poderíamos pensar, assim, que sociedades que se organizam de modo binário e sexista, tal como a nossa, impõem modelos que, diversas vezes, imprimem sofrimento significativo na vida de todos, por exemplo, na de pessoas transgênero, foco desta pesquisa.

Portanto, temos como objetivo, neste trabalho, investigar o imaginário coletivo sobre transgeneridade, em vídeos do *YouTube*, especificamente no canal de humor audiovisual Porta dos Fundos, que vem ganhando visibilidade tanto na referida plataforma, como no meio acadêmico, conforme é possível verificar em Hoff (2018).

[8] Para Butler (2003), sexo e gênero não se diferenciam ontologicamente. Tal posicionamento demarca que sexo não corresponde a um substrato "natural", a partir do qual se construiria o gênero, de caráter social, conforme encontramos em Beauvoir (1949/1986). Segundo Butler (2003), ambos os conceitos se equivaleriam e seriam, então, ficções reguladoras criadas mediante a contínua repetição de atos performativos, circunscritos em um tempo e espaço. Por esse motivo, utilizaremos, doravante, neste texto, o termo "gênero".

Visto compreendermos que nenhuma conduta está desvinculada do acontecer humano em sua totalidade, isto é, de contextos sociais, econômicos, políticos, culturais, históricos etc., entendemos que, em sentido amplo, todo sofrimento emocional é também um sofrimento social (Bleger, 1963/2007). Assim, a Psicologia teria muito a contribuir, no sentido de promover ações psicoprofiláticas e psicoterapêuticas acerca das normas de gênero, uma vez que essas podem ser causa de intenso sofrimento e adoecimento das pessoas.

Método

O presente trabalho fará uso do conceito de imaginário coletivo (Aiello-Vaisberg, 2017), que corresponde ao conjunto de condutas humanas sobre determinado tema, sendo intersubjetivamente produzidos e reproduzidos. Deste modo, procuramos referenciais teóricos-metodológicos próximos ao drama vivido (Politzer, 1928/2004), focalizando a dimensão afetivo-emocional dos fenômenos humanos e os contextos macrossociais nos quais se inserem. Vale lembrar que tal posicionamento encontra-se em consonância com a psicologia concreta (Bleger, 1963/2007) por nós adotada. Ainda, nessa perspectiva, compreendemos que o inconsciente se desdobra nos vínculos humanos, ao invés de entendê-lo como instância intrapsíquica ou segunda mente.

Este trabalho configura-se metodologicamente como pesquisa qualitativa e empírica, com o uso do método psicanalítico. Visando cumprir os procedimentos de pesquisa, alinhados com a proposta de Ambrosio, Aiello-Fernandes e Aiello-Vaisberg (2013), as indicações metodológicas de Bleger (1963/2007) e as contribuições de Herrmann (1979/1991), operacionalizamos o método psicanalítico em termos de procedimentos investigativos de escolha, encontro e interpretação do material, seguidos por interlocuções reflexivas com outros autores acerca dos resultados criados/encontrados, denominados por nós como campos de sentido afetivo-emocional.

Visando cumprir o procedimento investigativo de seleção do material, buscamos vídeos humorísticos, correlacionados com a palavra-chave transgeneridade, disponibilizados no YouTube pelo canal Porta dos Fundos, os quais retratavam explicitamente a temática estudada.

Para atender o procedimento investigativo de encontro com o material, assistimos aos vídeos selecionados repetidas vezes, em estado de atenção flutuante e associação de ideias, atentando-nos aos impactos que esses suscitavam em nós, os quais foram registrados em uma narrativa (Anexo A) e um texto de impacto contratransferencial (Anexo B). Esses, conjuntamente aos vídeos, constituem o nosso material de pesquisa.

Por conseguinte, realizamos a interpretação do material, em busca da criação/encontro dos resultados, isto é, dos campos de sentido afetivo-emocional. Procuramos, para atender esse fim, seguir as recomendações de Herrmann (1979/1991), o qual recomenda “deixar que surja”, “tomar em consideração” e “completar a configuração de sentido”.

Por fim, cessamos o uso da atenção flutuante e da associação livre de ideias para realizarmos um diálogo dos resultados com outros autores, psicanalistas ou não, objetivando a construção de conhecimento compreensivo sobre a temática estudada.

Campos de sentido afetivo-emocional

Por meio do procedimento investigativo de seleção do material, elegemos três vídeos do canal Porta dos Fundos, disponibilizados na plataforma YouTube, os quais retratavam explicitamente a temática da transgeneridade. O título dos vídeos selecionados foram “Casal Normal”, “Travesti” e “Adão”.

O uso do método psicanalítico no material permitiu que propuséssemos três campos de sentido afetivo-emocional. São estes: “A ditadura do gênero”, “Posso ser quem eu me sinto” e “Ao seu dispor”.

O campo “A ditadura do gênero” organiza-se ao redor da crença de que o gênero designado ao nascimento determina regras a serem seguidas socialmente. Esse campo é ilustrado no material, por exemplo, nos estereótipos de homem e mulher que permeiam os diferentes vídeos.

O campo “Posso ser quem eu me sinto” organiza-se ao redor da crença da possibilidade de viver de modo autêntico, segundo seu próprio sentir. Tal campo é ilustrado, no material, na maneira como os personagens se apresentam e questionam a imposição de um modo de ser.

Por fim, o campo “Ao seu dispor” organiza-se ao redor da crença de que pessoas transgênero podem ser usadas como instrumento de satisfação sexual de outrem. Tal imaginário deriva, a nosso ver, do fato de sofrerem ataques despersonalizantes/ desumanizadores (Aiello-Vaisberg, 2017), que visam torna-las objetos e invisibiliza-las. Surge como ilustração desse campo, no material, a pessoa transgênero retratada ora como objeto de prazer, ora sob esforços para ocultá-la do olhar social.

Interlocuções reflexivas e considerações finais

O campo de sentido-afetivo emocional “A ditatura gênero” parece-nos indicar a existência de expectativas sociais conforme o gênero designado ao nascimento. Em outras palavras, as pessoas devem, segundo o seu corpo, constituir-se de acordo com a cisheteronormatividade em um dos dois binômios tidos socialmente como inteligíveis e possíveis (Bento, 2008/2017; Butler, 2003). No entanto, tal injunção se traduz, em termos vivenciais, como submissão às normas sociais, em detrimento de como a pessoa se sente verdadeiramente, o que pode ser fonte de intenso sofrimento e adoecimento para o indivíduo.

Surge, como resposta a esse primeiro campo, a possibilidade de um *self* autêntico e criativo, fonte de saúde mental na teoria winnicottiana (Winnicott, 1971/1975, 1956/1978, 1963/1983), o qual fica circunscrito no campo “Posso ser quem eu me sinto”. Nesse caso, as pessoas escapariam de uma vivência de inautenticidade, provocada pela submissão à cisheteronormatividade, para reivindicarem um eu que transbordaria tais normas sociais.

Não obstante, o campo “Ao seu dispor” reflete as dificuldades enfrentadas por aqueles que implodem a cisheteronormatividade. Segundo esse, tem-se a crença de que essas pessoas ocupariam um lugar de degenerescência, sendo, portanto, objetos para a satisfação do desejo de outrem ou, quando não, vítimas de invisibilização, exclusão e patologização.

Sendo assim, o quadro geral aponta que sociedades que impõem uma organização binária e sexista acabariam por suscitar sofrimento socialmente determinado, destacando aquele vivenciado pelas pessoas transgênero. Tendo em vista a teoria do amadurecimento emocional de D.W. Winnicott (1971/1975,

1956/1978, 1963/1983), podemos pensar a submissão às normas de gênero, assim como a violência sofrida pela população transgênero, como algo limitador do potencial criativo e da espontaneidade dessas pessoas, sendo esses pilares fundamentais na concepção de saúde/doença do referido autor.

Enfim, podemos questionar também o próprio papel do humor, o qual pode operar, de modo mais ou menos velado, para a legitimação e manutenção de estruturas sociais desiguais e hierárquicas, ou servir como meio de problematização, reflexão e transformação das condições sociais (Hoff, 2018; Moreira, 2018).

Referências

Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2017). Estilo clínico ser e fazer: resposta crítico-propositiva a despersonalização e sofrimento social. *Boletim - Academia Paulista de Psicologia*, 37(92), 41-62. Recuperado em 20 de novembro de 2019, de http://pepsic.bvsalud.org/pdf/bapp/v37n92/v37n92a05.pdf.

Ambrosio, F. F., Aiello-Fernandes, R., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2013). Pesquisando sofrimentos sociais com o método psicanalítico: considerações conceituais. Em L.S. de L. P. C. Tardivo & T. M. J. Aiello-Vaisberg (Orgs.). *XI Jornada Apoiar: adolescência: identidade e sofrimento na clínica social*. São Paulo: IP-USP.

Arán, M., & Peixoto Júnior, C. A. (2007). Subversões do desejo: sobre gênero e subjetividade em Judith Butler. *Cadernos Pagu*, (28), 129-147.

Assis, N. D. P. (2019). *Estudo psicanalítico sobre o sofrimento de meninas adolescentes*. Tese (Doutorado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de Ciências da Vida, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Campinas-SP, 185p.

Beauvoir, S. (1986). *Le deuxieme sexe*. Paris: Gallimard. (Original publicado em 1949).

Bento, B. (2017). *O que é transexualidade*. São Paulo: Editora Brasiliense. (Original publicado em 2008).

Bleger, J. (2007). *Psicologia de la Conducta*. Buenos Aires: Paidós. (Original publicado em 1963).

Butler, J. P. (2003). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Corbett, E., Ambrosio, F. F., Gallo-Belluzzo, S. R., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2014). Produções imaginativas sobre dificuldades sexuais: um estudo psicanalítico.

Psicologia & Sociedade, 26(3), 756-765. DOI: https://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822014000300024

Frederico, C. (1979). *A vanguarda operária*. São Paulo: Símbolo.

Herrmann, F. (1991). *O Método Psicanalítico*. São Paulo: Brasiliense. (Original publicado em 1979).

Hoff, R. S. (2018). *Um olhar pela porta dos fundos: apontamentos sobre o humor político audiovisual no youtube*. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Porto Alegre-RS, 248p.

Moreira, A. (2018). *O que é racismo recreativo?* Belo Horizonte: Letramento.

Politzer, G. (2004). *Crítica dos fundamentos da Psicologia: a psicologia e a psicanálise* (M. Marcionilo e Y. M. C. T. da Silva, Trad.). Piracicaba: Editora Unimep. (Original publicado em 1928).

Schulte, A. A. (2016). *Maternidade contemporânea como sofrimento social em blogs brasileiros.* Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de Ciências da Vida, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Campinas-SP, 122p.

Visintin, C. D. N., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2017). Maternidade e sofrimento social em mommy blogs brasileiros. *Revista psicologia: teoria e prática*, 19(2), 98-107. DOI: https://dx.doi.org/10.5935/1980-6906/psicologia.v19n2p98-107

Winkler, V. T. C. (2019). *Imaginários coletivos de mulheres jovens sobre tornar-se adulta*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de Ciências da Vida, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Campinas-SP, 106p.

Winnicott, D. W. (1975). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1971).

Winnicott, D. W. (1978). *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas*. (D. Bogomeletz, Trad.). Rio de Janeiro: Francisco Alves. (Original publicado em 1956).

Winnicott, D. W. (1983). *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. (I.C.S. Ortiz, Trad.). Porto Alegre: Artmed. (Original publicado em 1963).

Anexo A – Narrativa

Após assistirmos aos três vídeos selecionados do canal “Porta dos Fundos”, cujo tema era a transgeneridade, propusemo-nos a realizar discussões em grupo com o intuito de debater os impactos suscitados em cada um de nós no encontro com o material. Estávamos emocionalmente abalados, perplexos, incomodados e

indignados ao término dos vídeos. Esses sentimentos foram despertados após observarmos que o assunto estava sendo retratado ora com menosprezo, ora de forma sagaz e às vezes de modo ambivalente. Todos concordaram que tal tema é muito importante e muito sério, e que deveria ser apresentado sem corroborar com a manutenção das violências que acometem essa população. Ao decorrer das discussões surgiram muitos comentários sobre os vídeos e como eles retratavam as pessoas transgênero de modo jocoso e bizarro. Apontamos os vídeos como negativos, ruins e confusos, despertando em nós sentimentos de angústia.

Anexo B - Texto de impacto contratransferêncial

Café com leite

Vida, um jogo no qual há apenas uma rota e, ao satisfazer todas as regras, atinge-se o objetivo: a felicidade. Esse jogo não pode ter fim, para isso uma das regras é que os jogadores tenham filhos, isto é, novos pinos. Estes aparecem em duas cores, azul e rosa, e antes mesmo do jogador nascer é escolhido o que lhe representa, devendo o seu comportamento ser orientado a partir dele.

Ao abrir o jogo, deparamo-nos com os pinos que nos foram dados. Para mim, foi tudo muito complicado. As peças do tabuleiro não eram as mesmas que estava esperando. Senti-me um tanto decepcionado, confuso, sem qualquer identificação com o mesmo.

Embora insatisfeito, comecei a jogar como me foi proposto. Vi meu dado dando o número seis e eu avançando as casas. Tive a sensação que os jogadores à minha volta se agradavam com o meu desempenho, porém, para mim, o mesmo pouco me importava, uma vez que não me identificava com o pino.

Perguntando para as outras pessoas se poderiam trocar a peça, elas riram de mim de maneira sarcástica e, por um momento, não me senti compartilhando daquelas regras. Questionei-me sobre o porquê da proibição dessa mudança. Como continuar a jogar se, com este pino, sinto que jamais alcançarei o objetivo do jogo? Seria errado, então, querer ser quem eu sou? Fazer escolhas segundo o que me representa?

Os questionamentos e angústias eram tão fortes em minha mente que já não sabia se fazia sentido seguir o jogo. O sofrimento foi tomando conta de mim, pensei

em desistir por várias vezes e, após questionar as regras sobre a existência de apenas dois pinos, me deram um terceiro, que chamaram de “outros”. Mesmo com esse terceiro pino, o sentimento de não-pertencimento ainda me assombrava. Soava-me impessoal a caracterização de “outros”. Seria um pino “faz de conta”, até mesmo, “café com leite”? Poderia construir o meu próprio pino?